

---

**O PROBLEMA DO MAL EM SANTO AGOSTINHO E A QUESTÃO DA  
DESIGUALDADE NO ACESSO À TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO**  
**THE PROBLEM OF EVIL IN SAINT AUGUSTINE AND THE QUESTION OF  
INEQUALITY IN ACCESS TO TECHNOLOGY IN EDUCATION**

Rafael Charile Capucho<sup>1</sup>  
Prof. Me. Suderlan Tozo Binda<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho aborda a problemática da desigualdade no acesso à tecnologia na educação, estabelecendo uma reflexão filosófica sobre a exclusão digital. O objetivo geral foi apresentar o papel da tecnologia na vida do homem, especialmente na educação, refletindo filosoficamente a exclusão digital como um mal à luz do pensamento de Santo Agostinho. A metodologia empregada foi a pesquisa exploratória e a revisão bibliográfica sistematizada, analisando a relação entre a técnica e a *téchne* e a concepção agostiniana do mal. Os resultados demonstraram que o homem é um ser tecnológico (*homo technologicus*), cuja existência é intrinsecamente ligada à técnica, um bem essencial para ele. A exclusão digital, sob a ótica agostiniana, foi analisada enquanto privação desse bem. A carência tecnológica não se deve à falha do artefato, mas sim no uso desordenado do livre-arbítrio por estruturas de poder, que transformaram a tecnologia em um fim, recusando-se a estender seus benefícios a todos. Conclui-se que a exclusão digital é um problema de ordem moral e ética, e sua superação exige uma reorientação ética da vontade humana, além de políticas de infraestrutura que promovam uma educação mais eficaz para todos.

**Palavras-chave:** Tecnologia; Exclusão Digital; Santo Agostinho; Educação; Livre-Arbítrio.

**ABSTRACT:** The present work addresses the problem of inequality in access to technology in education, establishing a philosophical reflection on digital exclusion. The general objective was to present the role of technology in human life, especially in education, philosophically reflecting on digital exclusion as an evil in light of Saint Augustine's thought. The methodology employed was exploratory research and systematic bibliographic review, analyzing the relationship between *téchne* and the Augustinian conception of evil. The results demonstrated that man is a technological being (*homo technologicus*), whose existence is intrinsically linked to technique, an essential good for him. Digital exclusion, from the Augustinian perspective, was analyzed as the deprivation of this good. The technological scarcity is not due to the artifact's failure, but rather to the disordered use of free will by power structures, which transformed technology into an end, refusing to extend its benefits to everyone. It is concluded that digital exclusion is a problem of moral and ethical order, and its

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: rafaelfcharilecapucho@gmail.com.

<sup>2</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: sbinda@salesiano.br.

overcoming requires an ethical reorientation of human will, in addition to infrastructure policies that promote more effective education for all.

**Keywords:** Technology; Digital Exclusion; Saint Augustine; Education; Free Will.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XXI é inegavelmente marcado pela consolidação da técnica como elemento central da existência humana. A tecnologia deixou de ser um simples instrumento para se tornar um ambiente de convivência, reconfigurar as relações sociais, econômicas e, de forma particular, o ambiente educacional. Nesse cenário, o advento da sociedade da informação e a rápida digitalização dos meios de ensino-aprendizagem, catalisada por eventos como a pandemia da COVID-19, trouxeram à tona um problema social crítico: a exclusão digital. Embora a tecnologia possua o potencial imanente de democratizar o conhecimento e promover a equidade educacional, sua distribuição desigual atua como um potente mecanismo de aprofundamento das disparidades sociais já existentes. Justifica-se a relevância desse estudo pela urgência em desvelar as raízes dessa exclusão, compreendendo-a não apenas como um problema de infraestrutura, mas como uma questão de ordem ética e moral que compromete o pleno desenvolvimento humano e a promessa de uma educação mais eficaz e justa para todos.

A temática da técnica foi abordada por muitas correntes do pensamento ao longo da história da Filosofia. Desde a literatura mito-filosófica, que concebe o homem como um ser intrinsecamente ligado à *téchne* – o *homo technologicus* – até as análises de autores como o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto, que definem a técnica como uma condição de existência humana, a técnica é estabelecida como um bem fundamental. Contudo, pensadores da filosofia como Langdon Winner, alertam para a ideologia da técnica, que mascara interesses de poder e promove o uso desordenado e desigual dos artefatos tecnológicos. Essas reflexões apontam que a exclusão não é um acidente, mas um desvio no percurso histórico da técnica em seu progresso. Diante desse desvio, o presente trabalho se insere em um campo de investigação que busca ultrapassar a análise sociológica e econômica da exclusão, recorrendo ao pensamento de Santo Agostinho, que defende a inexistência do mal enquanto substância, mas sim como privação de um bem. Tal perspectiva oferece uma lente singular para analisar a exclusão digital como fruto da escolha livre humana.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, cujo foco central reside na reflexão filosófica da desigualdade no acesso à tecnologia. O estudo buscou apresentar a relevância da tecnologia na vida humana, especialmente no ambiente educacional, e refletir filosoficamente sobre a exclusão digital como um problema ético e moral à luz da filosofia agostiniana. Para cumprir esse propósito, delinear-se os seguintes objetivos específicos: analisar a partir da literatura mito-filosófica o homem como ser tecnológico, investigando a origem da técnica como dom e desafio humano; desvelar as promessas imanentes à tecnologia e evidenciar possíveis desvios no seu percurso histórico; e, por fim, apresentar o mal como ausência do bem, analisando a falta de acesso à tecnologia como fruto da escolha livre humana.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho analisou a problemática da desigualdade no acesso à tecnologia na educação e sua relação com a concepção de mal de Santo Agostinho. Para alcançar os objetivos da presente pesquisa científica, foi realizada uma pesquisa de cunho exploratório, tendo em vista o objeto de estudo majoritariamente teórico, possibilitando assim, um maior aprofundamento na temática discutida. De acordo com Gil (2002, p. 41):

[...] pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Para a realização desses procedimentos exploratórios, foi desenvolvida uma revisão bibliográfica sistematizada acerca do tema, das obras literárias do filósofo, seus comentadores e artigos relacionados, além de fontes de dados estatísticos necessários na evidência da problemática em questão. Assim, ao explorar estas obras, tornou-se possível a análise dos conceitos filosóficos da temática, não só da bibliografia-base, mas também a contribuição de diversos outros autores sobre o assunto.

Nesse sentido, os procedimentos exploratórios tiveram por objeto principal de estudo as obras “Confissões” e “O livre-arbítrio”, de Santo Agostino, grande figura da filosofia patrística e cristã, considerado por autores como Étienne Gilson no livro “História da Filosofia Cristã” como “o mestre do ocidente”. Obras de outros literatos e filósofos como Hesíodo, Álvaro Vieira Pinto e Langdon Winner também foram abordadas, bem como livros, artigos e teses, para uma melhor compreensão do tema abordado e trazê-lo para a atualidade. Ao compreender a concepção agostiniana acerca do mal, pretende-se esclarecer a posição do bispo de Hipona em relação à desigualdade e suas origens no livre-arbítrio humano. Por fim, buscou-se entender como este pensamento responde às questões de desigualdade na educação da atualidade quanto às suas possíveis causas e soluções.

## 3 O HOMEM: UM SER TECNOLÓGICO

Na Antiguidade Clássica, diversas narrativas mitológicas foram forjadas a fim de encontrar razões para as inquietações do homem, inclusive, sobre si mesmo. Nas obras do poeta arcaico Hesíodo, como “Os trabalhos e os dias”, mas, especialmente, em sua “Teogonia”, dedica-se a falar da origem do homem e dos animais através da figura de Prometeu. Este, filho de Jápeto e Clímene, que gerou “[...] Atlas, de violento ânimo, pariu o sobreglorioso Menécio e Prometeu astuto de irado pensar e o sem-acerto Epimeteu que foi um mal dês o começo aos homens come-pão” (Hesíodo, 2015, p. 129).

O mito narra que, no início dos tempos só existiam os deuses. Quando chegou o momento destinado ao nascimento das criaturas mortais, eles as modelaram no interior da terra, misturando terra, fogo e os elementos que se combinavam. Quando estavam finalizadas e prontas para serem conduzidas à luz do dia, Prometeu e Epimeteu foram incumbidos de distribuir entre elas capacidades próprias, dotando-as com variadas formas de sobrevivência, como força, rapidez, carapaças e pelos. Contudo, Epimeteu, que não era muito esperto, gastou todas as qualidades nos

animais irracionais, deixando a raça humana nua, descalça, sem abrigo e indefesa. Para remediar isso e garantir a sobrevivência humana, Prometeu roubou a sabedoria artística de Hefesto e Atena, juntamente com o fogo, e a ofereceu ao homem (Platão, 1999).

Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios, depois sempre deste ardil lembrado negou nos freixos a força do fogo infatigável aos homens mortais que sobre a terra habitam. Porém o enganou o bravo filho de Jápeto: furtou o brilho longevivo do infatigável fogo em oca férula; mordeu fundo o ânimo a Zeus tonitruo e enraivou seu coração ver entre homens o brilho longevivo do fogo (Hesíodo, 2015, p. 133).

Por meio deste dom, o homem mantém-se superior a todos os animais, tornando-se relativamente dependente dele para a sua sobrevivência.

O fogo lhe forneceu o meio de construir as armas com que subjugou os animais e as ferramentas com que cultivou a terra; aquecer sua morada, de maneira a tornar-se relativamente independente do clima, e, finalmente, criar a arte da cunhagem das moedas, que ampliou e facilitou o comércio (Bulfinch, 2016, p. 24).

O fogo, portanto, consiste na arte técnica (*téchne*) que é dada ao homem que se encontra em uma natureza hostil, órfão de sua imortalidade e desprovido de qualquer atributo que lhe sirva como proteção. Em meio a essa condição humana inexorável, Prometeu transforma a fragilidade da raça humana na sua maior força, como ressalta Pinheiro (1999, p. 32): “Raça cuja força e potência se deve sobretudo ao artifício, à técnica, que termina impondo um meio particular de se atingir um objetivo”.

Mesmo com um corpo incapaz de correr mais que grande parte dos animais, o homem, através da arte técnica, constrói veículos inalcançáveis por qualquer animal que exista. Ou seja, ainda que tenha as suas capacidades físicas limitadas por natureza, o ser humano, por meio da técnica é capaz de superá-las completamente, transformando-as em poder.

Algo parece ressoar no mito que nos permite pensar que a potência humana, após a intervenção de Prometeu, constitui-se a partir de sua própria fragilidade e mesmo que Prometeu, ao criar a mais potente das raças, constitui também a mais frágil, aquela que nada seria sem seus artifícios e técnicas particulares (Pinheiro, 1999, p. 32).

Dessarte, o Mito de Prometeu revela a importância fundamental da técnica para a existência do homem em meio às vicissitudes da vida.

Nesse sentido, o autor Umberto Galimberti (2006, p. 76) afirma que a técnica é a condição da existência humana, sem a qual o homem não sobreviveria. Ele, diferentemente dos animais não possui instintos que determinem o que deve ou não fazer, mas, deve sempre recorrer à técnica. Ao entregá-la aos homens, Prometeu, segundo Ésquilo, “fez deles, ‘de crianças que eram, seres racionais [*énnous*] e padrões da própria mente [*phrenôn ephebólous*]” (Galimberti, 2006, p. 47). Trata-se uma capacidade que é única, tida para os filósofos gregos como um saber, como em Platão, para o qual fazer alguma coisa (*téchne*) pressupõe a possibilidade de fazê-la (*dýnamis*), mas que só se dá mediante à ciência (*epistéme*) da coisa (Galimberti, 2006, p. 41).

De uma forma mais sistemática, na “Ética a Nicômaco”, Aristóteles distingue a *téchne* como uma das cinco virtudes intelectuais dispostas na alma racional, que são a

*téchne*, *epistéme*, *phrónese*, *sophia* e *noûs*. Diferentemente de Platão, que associa *téchne* e *epistéme*, Aristóteles busca diferenciar estes termos, de modo que

*epistémē* tem o significado de conhecimento [científico] em todas as ocasiões, justamente para distinguir da *téchnē*, porque seus objetos são diferentes, pois, enquanto a primeira baseia-se na demonstração e na busca de princípios fundamentais para se fazer valer, a segunda é o *know-how*, de viés prático e não teórico (Kussler, 2015, p. 191).

A diferença está na relação entre a *práxis* (ação) que se relaciona com um objetivo intrínseco, ou seja, a ação é um fim em si mesma, e a *poíesis* (produção), que se refere à criação de algo que tem um objetivo extrínseco. A *téchne* é vista como uma disposição para criar, um saber-fazer, cujo valor é extrínseco e se encontra no produto, e não no agente que o criou, como é a disposição para agir da *areté* (virtude). Já a *epistéme* faz menção ao saber teórico que visa a demonstração e a formalização (Kussler, 2015, p. 192). A *techné*, portanto, encontra a sua importância em seus produtos, que são importantes para a vida do homem, que busca nela soluções práticas para a sua subsistência.

Sendo o produto aquilo que dá valor à *techné*, podemos dizer também, relacionando à teoria das quatro causas de Aristóteles, que ele, sendo o objetivo da *techné*, é a sua causa final e se é a sua causa final é também o seu *télos*. Ao alcançar este, alcança a sua própria forma.

Se a forma é o fim (meta) da obra, esse fim só é alcançado no final. A isso aludem as palavras aristotélicas *enérgeia* e *entelécheia*; entre elas não há contraposição, pois a *enérgeia* pertence ao mundo mecanicista da natureza e a *entelécheia* pertence ao mundo finalista da "projetualidade" humana (Galimberti, 2006, p. 37).

Para chegar ao produto, ato perfeito, portanto, o homem projeta. Uma das características do processo da evolução humana é a capacidade de projetar, que transforma a realidade material, criando diferentes condições de vida. Aqui, o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto encontra o ponto de partida para falar da técnica, definindo-a como uma característica própria do homem, que propõe soluções diante da relação entre o mundo humano e o mundo físico e social (Pinto, 2005, p. 54).

Esses projetos são constituídos pela técnica, sem a qual, o ato de projetar não faria sentido (Pinto, 2005, p. 62). A técnica é inerente à espécie humana, única capaz de, por natureza, produzir e encontrar meios artificiais para resolver problemas. A tecnologia, ciência da técnica, segundo Álvaro Vieira, surge como exigência social, como uma etapa seguinte da evolução. Dela, novas tecnologias vão surgindo graças aos instrumentos lógicos e materiais, baseados no desenvolvimento científico (Coronel; Silva, 2010, p. 181).

Prometeu é aquele que pensa (*methéos*) antecipadamente (*pro*) e dá ao homem o dom da técnica. Esta, por sua vez, está ligada aos projetos que o homem faz ao longo da história. O tempo da técnica é o tempo projetual, o que explica o fato de que a técnica sempre está voltada para o futuro. Assim afirma Umberto Galimberti (2006, p. 40): "De fato, a técnica nada mais persegue que o próprio crescimento, um mero "sim" a si mesma". Crescimento que se dá de forma exponencial ao longo da história e que culmina no mundo contemporâneo.

### 3.1 A TÉCNICA AO LONGO DA HISTÓRIA

Alguns fatos históricos evidenciam o desenvolvimento da técnica ao longo da história:

A história dos povos coincide com o desenvolvimento do progresso técnico. Até a Idade Média são as técnicas arcaicas e primitivas. No Renascimento, são ligadas aos acontecimentos da curiosidade e do espírito experimental que se estendem às camadas sociais. Do século XVII ao XIX aparecem as invenções revolucionárias, trazidas pelos amadores da ciência. O século XX abre passagem para a profissionalização do cientista e do tecnólogo, a partir de formação de equipes envolvidas com empresas e governos (Matos, 2006, p. 03).

Mudanças mais substanciais começam a ser observadas a partir do renascimento, momento de florescimento de ideias e visões do mundo, como o humanismo “[...] fundamentalmente, uma reação contra a escolástica e, por desdobramento, contra o aristotelismo e o "paradoxo" que ele encerra” (Novaes, 1996, p. 30). A partir do século XVIII, com o surgimento do capitalismo, o valor do trabalho mudou. O trabalho manual que antes era degradante passa a ser uma força positiva que gera valor e aumenta a produtividade.

A metalurgia do ferro é um exemplo expressivo, pelas mudanças ocorridas ao longo do século XVIII, com enormes repercussões no século seguinte, aquele do 'grande salto'. De simples elemento fundido e forjado (de resistência relativamente baixa), o ferro, pela introdução do carvão mineral (principalmente na Inglaterra) em substituição ao carvão vegetal, adquirirá um novo papel (Novaes, 1996, p. 33).

Na Idade Moderna, mais do que nunca, a técnica ganha o seu maior desenvolvimento, momento em que, segundo Oliveira (2008, p. 06), o termo “técnica” passa a ser denominado “tecnologia”. Kussler (2015, p. 193) afirma que a técnica se desenvolveu de maneira tal que não basta compreender o homem apenas como possuidor do *know-how* (saber prático), mas também como *homo technologicus*, porque a tecnologia sobrepõe os elementos da técnica de modo que é impossível pensar a vida humana sem relação com a tecnologia.

Mais do que isso é a revolução que a própria tecnologia opera quando o homem, na busca da objetividade do conhecimento científico, torna-a autônoma, tornando-se capaz de autogerir-se. Em outras palavras, a própria tecnologia, graças a um impulso do homem que a programa, torna-se capaz de operar sozinha. É o conceito de cibernética (Kussler, 2015, p. 194).

A contemporaneidade é marcada pela presença da tecnologia, e, segundo Oliveira (2008, p. 09), “[...] a técnica desenvolvida a partir de sua fundamentação na ciência é um instrumento indispensável para a sobrevivência do homem, assim como foi em suas formas primitivas”. O ser humano, à medida que desenvolve mais tecnologias, também depende cada vez mais delas para ter acesso a um padrão de vida mais elevado.

O mito de Prometeu demonstra que a técnica, ou *téchne*, é fundamental para a sobrevivência humana, permitindo-nos superar as fragilidades inatas e nos tornarmos a espécie dominante. A história do progresso técnico, desde as formas mais primitivas até a ascensão da tecnologia autônoma, reforça que a evolução humana está intrinsecamente ligada à nossa capacidade de criar e projetar. No entanto, a onipresença da tecnologia na era contemporânea traz à tona um novo desafio. Se a

tecnologia é um instrumento indispensável para a existência humana e para a busca de um padrão de vida mais elevado, sua distribuição desigual impede que todos usufruam de seus benefícios. O próximo capítulo irá aprofundar a discussão sobre como a desigualdade no acesso à tecnologia se manifesta nos contextos sociais contemporâneos, de forma particular, na educação.

## 4 A PROMESSA E A REALIDADE DA TECNOLOGIA

Até agora apresentamos a técnica (*téchne*) como o elemento fundamental que permitiu ao Homem superar a sua fragilidade inerente. A intervenção de Prometeu, ao entregar o fogo – a arte técnica –, transformou a condição humana ao fornecer o meio para construir, cultivar e, essencialmente, projetar o futuro. Essa capacidade de projetar, que confere valor extrínseco ao produto da técnica (seu *télos*), constitui o ser humano como um *homo tecnologicus*, cuja existência é inseparável de seus artifícios.

Atualmente, a tecnologia se desenvolveu de tal modo que impactou radicalmente todas as esferas da sociedade, de tal forma que é difícil dizer onde não há nenhum tipo de tecnologia. Sua presença trouxe inúmeros benefícios à vida das pessoas, facilitando a comunicação, aprimorando ferramentas de trabalho, trazendo novas alternativas medicinais e tantas outras possibilidades que melhoram a qualidade de vida. Sua evolução também culminou em um estágio de autonomia e onipresença. Se, outrora, a técnica era um saber-fazer cujo valor estava no produto que servia à subsistência humana, a tecnologia contemporânea, passa a buscar o próprio crescimento, voltada para si mesma.

Essa ascensão da tecnologia a uma força autogerida, essencial para a busca de um padrão de vida mais elevado, gerou um discurso de promessa universal: a “mitoinformação”. Essa narrativa de otimização da vida cotidiana é permeada por ideologias e promessas instrumentalizadas para servir ao interesse de alguns e que mascaram uma realidade desigual no desenvolvimento e distribuição tecnológicos. O presente capítulo propõe uma análise desses dois aspectos. Primeiramente, serão examinadas as promessas da tecnologia e as ideologias que estão por de trás de seu desenvolvimento. Em seguida, será desvendada a desigualdade tecnológica no âmbito educacional e seus fatores econômicos, sociais e políticos, compreendendo seus impactos sociais.

### 4.1 A PROMESSA DA TECNOLOGIA

A indispensabilidade da tecnologia contemporânea é uma evolução da função original do fogo prometeico. A técnica desenvolvida pela ciência é hoje um instrumento essencial para que pessoas possam sobreviver e elevar seu padrão de vida. Nos últimos anos, as inovações tecnológicas têm sido buscadas sob a promessa do bem-estar e mais qualidade de vida para as pessoas.

Um dos argumentos que sustentam essa promessa é a capacidade de otimização da vida humana. Essa otimização se manifesta no aumento exponencial da produtividade e eficiência, permitindo a execução de tarefas em menor tempo e a tomada de decisões mais assertivas devido à vasta disponibilidade de informações. Nota-se isso na informática e a internet, que, apesar de terem sido desenvolvidas, a princípio, para

a demanda das guerras do século XX, tornaram-se grandes ferramentas facilitadoras da comunicação e realização de tarefas lógicas complexas (Torres, 2013).

Outro campo que se beneficia com essas ferramentas é na saúde, onde as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) prometem revolucionar o cuidado com a vida humana, visando maior longevidade e redução da mortalidade.

Negri (2019) afirma que as tecnologias da informação representam uma alternativa promissora para a área da saúde, não apenas reduzindo custos e melhorando serviços, mas também impulsionando uma revolução no setor, com o uso de aplicativos e dispositivos para monitorar condições crônicas, como diabetes, e evitar emergências. Estes são apenas alguns dos inúmeros campos onde é notado este eminente desenvolvimento da técnica e suas positivas implicações.

Como já supracitado, a técnica sempre esteve ligada ao tempo projetual, voltado para o futuro (Galimberti, 2006). A evolução da *téchne* para a tecnologia moderna introduz uma nova conotação no seu *télos*, na sua causa final. Na filosofia aristotélica, o *télos* da *téchne* reside no produto, importante para a subsistência humana. À medida que a tecnologia evoluiu, ao ganhar autonomia, também ganhou uma nova significação no seu *télos*, deslocando-se das necessidades humanas para a satisfação das próprias necessidades. Essa nova dinâmica onde a meta é a própria expansão do sistema, abre caminhos para uma indiferença estrutural às desigualdades que se perpetuam.

Indiferença que é maquiada por uma ideologia tecnológica, desvelada pelo filósofo da tecnologia Langdon Winner, que considera o discurso tecnológico como uma estrutura de poder.

[...] para ele, artefatos tecnológicos não são ferramentas neutras, mas agentes moldados por estruturas de poder e relações sociais. Sua visão desafia a noção tradicional de que a tecnologia é meio puramente instrumental e sugere que ela opera dentro de um contexto maior onde escolhas técnicas são, ao mesmo tempo, escolhas políticas (Gonçalves, 2025, p. 02).

Isso expressa exatamente a mudança de significação da tecnologia, que, ao evoluir, deixa o *télos* instrumental para ser um agente moldado por estruturas de poder, deixando de ser um instrumento a serviço de todos para servir apenas às estruturas de poder e seus dominadores. Portanto, para Langdon, as escolhas técnicas feitas durante sua criação refletem e influenciam a vida social e política, podendo tanto perpetuar quanto transformar as formas de organização social.

Winner propõe uma tipologia para analisar como as tecnologias incorporam a política. De um lado, as “tecnologias politicamente contingentes”, que podem assumir funções políticas de acordo com o contexto em que estão inseridas. Para dilucidar este tipo de tecnologias Winner apresenta o exemplo

[...] das pontes projetadas por Robert Moses em Long Island, nos Estados Unidos, cuja altura foi deliberadamente restringida para impedir o trânsito de ônibus. Com isso, dificultava-se o acesso de pessoas empobrecidas e racializadas aos parques públicos e praias da região. Essa foi uma decisão técnica que incorporava, de modo velado, uma escolha política com viés discriminatório (Gonçalves, 2025, p. 04).

Também em outros usos, os artefatos tecnológicos, apesar de serem aparentemente neutros, podem adquirir funções políticas e até atuar como instrumentos de

padronização ou exclusão, reforçando as desigualdades sociais existentes. De outro, as “tecnologias inerentemente políticas”, cujo design funcional exige ou favorece certas normas de organização sociopolítica. Um exemplo disso é a energia nuclear, que requer um aparato altamente centralizado, um rígido sigilo institucional e cadeia de comando extremamente rígida. Características estas semelhantes às de regimes autoritários e tecnocráticos (Gonçalves, 2025).

Todo o discurso técnico e sua legitimação do progresso pode ser analisado pelo conceito de “mitoinformação”, criado por Winner, que se refere a um conjunto de crenças e ideologias em torno da tecnologia. Assim explica Gonçalves (2025, p. 03):

Para o autor, mitoinformação refere-se ao conjunto de crenças, narrativas e ideologias que surgem – ou são deliberadamente criadas – em torno da tecnologia, especialmente das tecnologias de informação e comunicação. Seria uma “convicção quase religiosa” de que, com a adoção de computadores e sistemas tecnológicos de comunicação que dão fácil e amplo acesso à informação de todos os tipos e conexão quase ilimitada, automaticamente está sendo criado um mundo melhor para todos os humanos.

A “mitoinformação” é um conceito que descreve como as pessoas depositam grandes esperanças e ideais na tecnologia, atribuindo-lhe um significado que vai muito além de sua utilidade prática. Essas expectativas e promessas são frequentemente exageradas e deturpadas para servir a interesses particulares, o que acaba por influenciar e moldar as dinâmicas de poder na sociedade (Gonçalves, 2025). Falta, porém, considerar as limitações da tecnologia e os interesses daqueles que a moldam.

Nessa perspectiva da “ideologia da técnica”, Álvaro Vieira Pinto novamente faz contribuições importantes na compreensão do tema, como Gonçalves aborda ao estabelecer um paralelo entre a visão de Langdon Winner e Álvaro Vieira Pinto. Para Winner, a “mitoinformação” diz respeito a um tipo específico de ideologia tecnológica de caráter informacional: “[...] trata-se da crença, muitas vezes quase mística, de que a simples expansão do acesso à informação digital conduziria automaticamente à emancipação social, política e econômica” (Gonçalves, 2025, p. 06). Já Vieira Pinto compreende a “ideologia da técnica” de forma mais estrutural e histórica:

[...] trata-se de um conjunto mais amplo e contínuo de construções ideológicas que apresentam a técnica como valor absoluto, naturalizando seu papel de instrumento universal do progresso e mascarando desigualdades que permeiam seu desenvolvimento e distribuição (Gonçalves, 2025, p. 06).

A “mitoinformação” é uma ideologia particular à era da informação e das TICs. Já a “ideologia da técnica” é um conceito mais amplo, que se manifesta em diversas épocas históricas e se baseia na valorização da tecnicidade como a forma principal de organizar o mundo.

O avanço da técnica, de um dom prometeico dado como ferramenta a serviço da subsistência humana para uma tecnologia desenvolvida a ponto de alcançar a onipresença e possuir uma dinâmica autônoma em relação às necessidades humanas, gerou o discurso mitoinformacional, sustentado por uma “convicção quase religiosa” de que a inovação trará um bem-estar e um mundo melhor para todos.

Todavia, essa narrativa ideológica que naturaliza o progresso absoluto da técnica, mascara as influências que estão por detrás das escolhas técnicas: as estruturas de

poder que são capazes de moldar como os artefatos tecnológicos são feitos para favorecer interesses específicos. Desse modo, a própria dinâmica daquilo que deveria ser instrumento de bem-estar para a humanidade transforma a sua promessa em um mecanismo de perpetuação das desigualdades já existentes no mundo. Ela oculta, com o louvor ao progresso, o real interesse daqueles que têm maior influência sobre a criação e implementação das tecnologias.

O seguinte tópico, portanto, se propõe a analisar justamente como essa problemática se manifesta na realidade, de forma particular, no âmbito educacional, buscando evidenciar como a exclusão digital resultante da influência dessas estruturas de poder impacta na educação.

## 4.2 A REALIDADE DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Diante da crescente presença da tecnologia em todas as esferas da vida humana e do discurso técnico que a acompanha, afirmando toda a glória do progresso e suas deleitosas promessas de um mundo melhor, escondem-se, como afirma Vieira Pinto, as desigualdades que permeiam o seu desenvolvimento. Do outro lado está a realidade, onde nem todos podem desfrutar dos benefícios tecnológicos em consequência de uma série de fatores econômicos, sociais e políticos.

Se a tecnologia é um dos alicerces da sociedade contemporânea, o acesso a ela é de fundamental importância na integração social e quem não pode acessá-la é marginalizado. Martín Hopenhayn (2006) revela a gravidade dessa disparidade, definindo o “fosso digital” (desigualdade no acesso à tecnologia) como “a matriz de todos os fossos”. Isso significa que a desigualdade no acesso à tecnologia também acentua divisões sociais já existentes e aprofundam processos de exclusão digital.

Quem não está conectado, fica automaticamente excluído de todos os círculos da sociedade da informação. Essa exclusão não é uma simples inconveniência. Ela

[...] traça a linha que separa o antes do depois, o dentro do fora, o viável e o inviável. Reforça ou recria os contrastes entre regiões, países e grupos sociais. Os países menos digitalizados, como antes os mais isolados ou mais pobres, vão se amontoando no quintal da globalização (Hopenhayn, 2006, p. 19).

A falta de acesso à tecnologia no hoje pode levar a um fechamento das opções de amanhã. Conforme será evidenciado mais adiante, a exclusão digital atinge majoritariamente populações de baixa renda. Isso leva aqueles que são excluídos a uma incapacidade de adquirir uma série de habilidades e conhecimentos que são exigidos pelo mercado, perpetuando cada vez mais a segregação social.

Isto posto, é pertinente olhar para o meio educacional, no qual o ser humano deve ser capacitado para inserir-se na sociedade e tornar-se apto para ingressar no mercado de trabalho e alcançar as suas realizações pessoais. Também neste campo a tecnologia impacta positivamente com ferramentas e recursos digitais que apoiam o processo de ensino-aprendizagem. Com a facilitação do acesso à informação, o aluno pode facilmente encontrar uma ampla gama de conteúdos que podem enriquecer o conhecimento. Recursos multimídia podem possibilitar a aplicação de métodos de ensino que sejam mais interativos e envolvam mais os docentes na dinâmica do professor. O acesso a plataformas e cursos online podem possibilitar que mais

peças tenham condições de ingressar no mercado de trabalho. Estes são alguns dos benefícios da tecnologia na educação.

No entanto, do contrário também surgem grandes problemas. Quando o acesso à tecnologia na educação é desigual, a formação acadêmica torna-se díspar e injusta, pois pessoas de diferentes graus intelectuais acentuados por esta disparidade concorrem pelo mesmo espaço no mercado de trabalho, deixando os menos favorecidos, mais uma vez, à margem da sociedade.

O cenário atípico da pandemia da COVID-19 acentuou essa realidade. A transição abrupta para o ensino remoto gerou a maior suspensão de educação em massa da história moderna, afetando globalmente 1,6 bilhão de estudantes (UNICEF, 2020). No Brasil, a situação também foi severa: dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do final de 2019 mostram que 4,3 milhões de estudantes brasileiros entraram na pandemia sem acesso à internet, sendo que destes, 4,1 milhões estudavam na rede pública de ensino (Barros, 2021). Esses números mostram o impacto da desigualdade no acesso à internet na educação, bem como a disparidade entre alunos de escolas da rede pública e alunos da rede privada.

Um dos principais fatores que propiciam a desigualdade de acesso é a estratificação econômica e social do país. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (PNAD), a falta de acesso à tecnologia é mais acentuada no meio rural em comparação com as áreas urbanas (Empresa Brasil de Comunicação, 2020).

Segundo Santos, citado por Santos e Mendes (2023), durante a pandemia, 57,1% dos docentes enfrentaram entraves na "estrutura domiciliar" de seus alunos, relacionados à falta de equipamentos, conexões estáveis e organização familiar adequada para o estudo remoto. O fator econômico, portanto, se manifesta na ausência de condições mínimas para a participação digital efetiva e de qualidade. A pandemia, portanto, evidenciou um fato que já acontecia na sociedade, mas que foi catalisado pelo ensino à distância.

Embora o Brasil tenha avançado na conectividade de modo geral, a pesquisa TIC Educação 2024, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (Cetic.br), revela uma disparidade na qualidade do ensino que compromete a integração pedagógica. O percentual geral de escolas com acesso à internet aumentou significativamente, atingindo 94% em 2024 (considerando escolas públicas e privadas). Contudo, a análise por dependência administrativa expõe a persistência da disparidade: as escolas privadas possuem 99% de acesso; as escolas estaduais possuem 96% de acesso; as escolas municipais possuem 93% de acesso (Cetic.br, 2024).

Há também a relação da disponibilidade de acesso à internet para uso dos alunos na sala de aula: 50% de disponibilidade nas escolas municipais; 61% de disponibilidade nas escolas estaduais; 72% de disponibilidade nas escolas privadas (Cetic.br, 2024). Nota-se que a disponibilidade para os alunos é consideravelmente menor nas redes públicas, sobretudo as municipais, estas, que atendem os alunos mais vulneráveis socialmente.

O baixo índice de acesso à internet diretamente na sala de aula, que atinge apenas 33% das escolas no total, demonstra que ainda há uma parte da infraestrutura educacional presa a um modelo de "tecnologia acessória". Isso impede a integração orgânica e contínua da tecnologia no currículo pedagógico diário (Cetic.br, 2024).

Essa deficiência na infraestrutura, ou defasagem pedagógica, impede a plena adoção de metodologias digitais inovadoras, limitando o potencial transformador da tecnologia. O fator econômico se traduz, assim, em uma estrutura física e pedagógica desatualizada que não suporta o uso massivo e integrado, comprometendo diretamente a qualidade da educação pública.

A exclusão digital acentua a desigualdade educacional e social, pois restringe o desenvolvimento de competências digitais cruciais ao mercado de trabalho e ao exercício da cidadania. Ela compromete não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas perpetua ciclos de pobreza e desigualdade social, pois impede que jovens adquiram competências fundamentais para a cidadania e o mercado de trabalho.

Os dados revelam uma disparidade entre as dependências administrativas das escolas particulares e das escolas públicas. Enquanto aquelas atendem, em sua maioria, a um público bem condicionado economicamente, estas atendem, em sua maioria, a um público menos favorecido econômica e socialmente. Ao encontrar uma infraestrutura deficiente nas escolas públicas, os alunos de baixa renda não possuem acesso ao aparato tecnológico que pode auxiliar no aprendizado, mantendo-os em uma situação social de desvantagem. Ao entrarem para o mercado de trabalho, ainda que existam sistemas como o de cotas, aqueles que foram formados em redes de ensino particulares estarão mais bem munidos de conhecimento, o que os deixa à frente dos menos favorecidos. A marginalização tecnológica perpetua ciclos de pobreza, pois nega a milhões de indivíduos as oportunidades de aprendizagem, inovação e mobilidade social prometidas pelo avanço tecnológico.

## 5 O MAL EM SANTO AGOSTINHO

O capítulo anterior evidenciou o caminho percorrido pela técnica, que evoluiu a ponto de uma onipresença em todas as esferas da vida humana. Seu desenvolvimento, porém, tende a alcançar um estágio de independência que ressignificou o *télos*, ou seja, a finalidade para a qual a tecnologia está a serviço. Há um deslocamento das necessidades antropológicas para as necessidades de um sistema que detém os artefatos tecnológicos a seu favor, como afirmava Langdon Winner no tópico 4.1.

Isso é mais bem esclarecido pelo seu conceito de “mitoinformação”, que critica o discurso forjado em torno das TICs, permeado por uma ideologia que justifica o progresso da tecnologia, não mais pensando no ser humano, mas em si mesma. Dessa forma, observa-se que, apesar da indispensabilidade da tecnologia na vida do homem e do seu notório progresso na modernidade, ela não pode ser idealizada como valor absoluto. A tecnologia não resolve todos os problemas. Pelo contrário, como sobredito, pode até perpetuar questões como a desigualdade social.

Essa discussão crítica em relação à tecnologia é momentosa, porque revela não só a sua importância, mas também as fragilidades e limitações dessa importante ferramenta do desenvolvimento humano. Não obstante, apesar de seus limites, convém apontar para o importante auxílio que a tecnologia pode oferecer nos mais diversos campos, dentre eles, na educação. Como outrora o homem encontrara-se desprovido de dons especiais em meio à natureza hostil e veio a técnica em seu auxílio, também a educação pode ser potencializada e levada a mais pessoas por meio da tecnologia.

Trata-se de um bem do qual todo homem, por ser um *homo technologicus*, deve ter acesso, haja vista que a técnica faz parte da essência humana, como afirma Galimberti (2006, p. 09):

Nesse sentido, é possível dizer que a técnica é a essência do homem, não só porque, em razão da sua insuficiente dotação instintiva, o homem sem a técnica não teria sobrevivido, mas também porque, explorando essa plasticidade de adaptação que deriva da generalidade e não-rigidez dos seus instintos, pôde alcançar "culturalmente", por meio de procedimentos técnicos de seleção e estabilização, aquela seletividade e estabilidade que o animal possui "por natureza".

Sem este bem, como foi apontado anteriormente, as pessoas encontram-se segregadas da sociedade e sua falta impacta numa série de fossos, ou seja, cavidades sociais das quais é difícil escapar, como afirma Martín Hopenhayn:

[...] em produtividade e salários, opções de mobilidade ocupacional, acesso a mercados e públicos, uso eficiente do tempo, acesso a informação e a serviços de todo tipo, voz e voto; fosso em intercâmbios simbólicos, poder de gestão, velocidade para adquirir e atualizar conhecimentos, níveis de vida. Quem não está conectado, fica excluído de todos os círculos da sociedade da informação (2006, p. 19).

Nesse sentido, a filosofia de Santo Agostinho e seu debate acerca do mal ajuda a refletir sobre o problema da desigualdade tecnológica, de modo particular, na educação, e quais podem ser as suas possíveis causas no campo da moral e da ética.

## 5.1 DE ONDE VEM O MAL?

Aurélio Agostinho nasceu em 354 em Tagasta, província romana da Numídia, na África. Seu pai era pagão e se chamava Patrício e sua mãe, Mônica, conhecida por seu fervor cristão. Estudou em Tagasta, Madaura e Cartago. Lecionou retórica em Cartago e depois em Roma. Chega em Milão e conhece Santo Ambrósio, do qual se interessa pelos sermões. Resumindo a longa história, após muitas lutas interiores, se converteu e foi batizado em 387. Alguns anos depois é ordenado sacerdote e depois torna-se bispo de Hipona no ano de 395. Morreu no ano de 430, durante o assédio dos vândalos à cidade episcopal (Boehner; Gilson, 2008, p. 139-140).

Em sua trajetória de vida, Santo Agostinho tem contato com diversas compreensões filosóficas, dentre as quais, as principais são o Maniqueísmo, no qual permaneceu por cerca de dez anos da sua juventude, passando por uma profunda experiência com o cristianismo e as sagradas escrituras, utilizando-se de conceitos neoplatônicos na justificação dos elementos da fé cristã (Reale; Antiseri, 1990, p. 428-433).

Em sua busca pela verdade, a problemática do mal era uma questão que angustiava o filósofo desde a sua juventude, tornando-se um obstáculo para a compreensão de questões como a vida, a existência e a ideia de um Deus sumamente bom. Isso levou a questionamentos como:

Mas de onde vem o mal, se Deus é bom e fez boas todas as criaturas? Ele é certamente o Sumo Bem, e as criaturas são bens menores. Mas, criador e criaturas, todos são bons. De onde vem então mal? Porventura da matéria que ele usou? Haveria nela algo de mal, e Deus, ao dar-lhe forma e ordem, teria deixado algo por transformar em bem? E por que teria procedido dessa

maneira? O Onipotente teria sido impotente para convertê-la, de modo que nela não permanecesse mal nenhum? (Agostinho, 1984, p. 179-180).

Ao buscar respostas para a questão do mal, Santo Agostinho encontra no maniqueísmo, o qual depois rejeita, que o mal é substancial e oposto ao bem, dotado de materialidade. No neoplatonismo, encontra a resposta segundo a qual o mal não possui um princípio ontológico e nem a matéria pode ser o mal em si, pois este é apenas uma defecção do bem e da matéria (Carvalho; Santos, 2024, p. 66).

Para responder os seus questionamentos, Agostinho parte de uma ontologia na qual Deus é a única essência, de natureza incorruptível. Assim, ele mesmo afirma: “Eu procurava descobrir as outras verdades, assim como já tinha descoberto que ser incorruptível é melhor que ser corruptível. Por isso eu confessava que tu, o que quer que fosses, devias ser incorruptível” (Agostinho, 1984, p. 178). Nada, portanto, poderia ser melhor do que Deus. Ele é o próprio bem, como também afirma o santo.

A partir da incorruptibilidade de Deus, Agostinho concebe o mundo das criaturas como uma enorme e única massa, na qual se distinguem os diversos tipos de corpos. Esta:

envolta e de todas as partes penetrada por ti, Senhor, que permanecias infinito em todas as direções, como um mar que, em toda parte e por todos os lados, formaria um mar imenso, estendendo-se infinitamente na imensidade, contendo dentro de si uma esponja enorme porém limitada e toda embebida desse mar imenso. Assim imaginava eu a tua criação, limitada, mas cheia de ti, que és infinito (Agostinho, 1984, p. 179).

Todavia, persistia a questão da origem do mal, que não estava em Deus, e, conseqüentemente, também não estava no mundo, tomado pela presença de Deus. Onde estaria, então, o mal? Seria Deus a sua fonte? Influenciado pelos princípios cristãos, Agostinho parte da convicção no princípio de que Deus, absolutamente bom, perfeito, uno, Sumo Bem, imaterial e eterno fez todas as coisas boas. Sendo Ele o Sumo Bem, não poderia ser a origem do mal.

Abalizado na fé cristã, Agostinho elabora um sistema filosófico-teológico que isenta Deus de ser autor do mal e, ao mesmo tempo, recusa a existência do mal ontológico. Com isso, o autor visa a esclarecer que tudo que Deus faz é um bem, e que o mal, na verdade, não passa de uma corrupção de tudo que é bom (Carvalho; Santos, 2024, p. 66).

Teria, então, Deus, ao criar o mundo usado uma matéria má? “Haveria nela algo de mal, e Deus, ao dar-lhe forma e ordem, teria deixado algo por transformar em bem?” (Agostinho, 1984, p. 180). A resposta para este questionamento é negativa, porque Deus criou tudo *ex nihilo*, ou seja, do nada. Isso significa dizer que, ao criar as coisas, não havia nada com que se pudesse criá-las. De acordo com Erculino (2014, p. 06), Deus não gerou, nem fabricou o mundo, mas o criou e estabelece uma diferença entre esses três termos: “A geração de algo deriva da substância de quem cria; a fabricação de algo se dá a partir da matéria já existente; e a criação das coisas ocorre a partir do nada”. Caso necessitasse de alguma matéria para criar algo, Deus não seria onipotente. Deus, portanto, concedeu existência à matéria com a qual criou as coisas a partir de seus pensamentos, dos quais dá forma às coisas (Erculino, 2014).

Desse modo, o mundo é criado a partir da vontade de Deus, num único instante, a partir das Formas de seu pensamento. A matéria essencial é a sua criação, dotada de potencialidades que possibilitam os seres se desenvolverem ao longo do tempo de acordo com suas ideias. “Ele é o Sumo Bem, essência imutável, que cria e sustém

todas as substâncias boas. Elas existem enquanto provém de Deus e não subsistem por si” (Erculino, 2014, p. 07). Sendo assim, a corrupção não se encontra na matéria das coisas.

A natureza e todas as coisas criadas são um bem, porque criadas a partir das Ideias Divinas, que organizaram todas as coisas com ordem, número e medida, mas não como Deus, porque a sua essência criada não é em si mesma, mas é enquanto é em Deus. Somente Ele é quem possui a plenitude do ser. “Logo, estas realidades não são imutáveis e incorruptíveis como Deus, mas d’Ele recebem seu ser por participação” (Coutinho, 2010, p. 126).

Segundo Agostinho (1984), todas as coisas são boas, mas não sumamente boas, porque não poderiam se corromper, nem se não fossem boas. A corrupção é um mal, porque diminui um bem real. Se as coisas continuassem a se corromper até serem privadas de todo bem, deixariam de existir. Se continuassem a existir, mas sem se corromper, seriam melhores, porque incorruptíveis, o que seria um absurdo.

Portanto, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. Porque, se o fosse, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e portanto um grande bem; ou seria substância corruptível, e então, se não fosse boa, não se poderia corromper (Agostinho, 1984, p. 192).

Dessarte, na metafísica agostiniana, Deus não é a fonte do Mal, visto que Ele é incorruptível. A matéria também não é má, pois Deus a criou *ex nihilo* em sua infinita bondade, e, portanto, todas as coisas que existem são boas. Desse modo, o Mal não constitui uma substância, mas ainda assim existe (Erculino, 2014).

Se toda a natureza é boa à medida que contém mais ou menos ordem, número e medida, o mal consiste na corrupção de uma dessas perfeições. Ela permanece boa enquanto natureza, e má enquanto corrompida.

Essa relação do mal com o bem num sujeito é exprimida ao se dizer que o mal é uma privação. Com efeito, ele é a privação de um bem que um sujeito deveria possuir, uma falta de ser o que ele deveria ser e, por conseguinte, um puro nada [...] o mal sequer pode ser concebido fora de um bem. Para que haja um mal, é necessário que haja privação; portanto, é necessário que haja uma coisa privada. Ora, enquanto tal, essa coisa é boa e somente enquanto privada é má (Gilson, 2010, p. 273).

Ao partir do princípio da inexistência do mal na natureza, o filósofo volta-se para investigações sobre o sujeito, em que o mal verdadeiro é a perversão da vontade: o pecado. Nessa perspectiva do bem como uma plenitude do ser, a má vontade pode ser compreendida como “uma vontade que, enquanto tal, é boa, mas à qual falta ser plenamente o que deveria ser [...]” (Gilson, 2010, p. 274). Se nem sempre os homens agem como deveriam agir, sua vontade é a responsável. O homem é livre em suas decisões, e, por ser livre, é capaz de fazer o mal (Gilson, 2010).

Por ‘mal’, entende Agostinho, a perversão voluntária da ordem na qual estão dispostas as criaturas quando o homem faz uso dos bens temporais como bens em si mesmos amando-os desordenadamente (cupiditas) e não como simples meios os quais devem ser amados e perseguidos somente na medida em que podem conduzir o homem a Deus, sua Verdadeira Felicidade; é uma inversão de valores, em que se substituem os fins pelos meios e os meios pelos fins (Coutinho, 2010, p. 127).

Como, então, Deus, na sua perfeição, dá ao homem o livre-arbítrio, ou seja, uma vontade que é capaz de fazer o mal? Agostinho defende que, a exemplo dos membros do corpo, que, ainda que sejam usados para realizar ações cruéis, são bens em si mesmos, também a vontade livre “[...] sem a qual ninguém pode viver com retidão. Deves reconhecer que ela é um bem e um dom de Deus, e que é preciso condenar aqueles que abusam desse bem, em vez de dizer que o doador não deveria tê-lo dado a nós” (Agostinho, 1995, p. 136).

Além disso, a vontade possibilita que o homem seja qualificado moralmente. Isso significa que, no seu livre-arbítrio, diante da escolha entre o bem e o mal, caso escolha o bem, ganha a honra de acordo com o mérito de sua ação, mas também o contrário, caso escolha o mal, desvirtuando-se do propósito inicial do livre-arbítrio, recebe o devido castigo (Erculino, 2014).

Assim, para Agostinho, o livre-arbítrio incumbe o homem do encargo moral de seus atos, permitindo o julgamento divino. É a liberdade individual que possibilita a ação ética, a valoração moral e a responsabilidade pelo ato, cujos critérios de valoração são dados pelas diretrizes divinas (Erculino, 2014, p. 11).

Dessa maneira, o livre-arbítrio não é um mal, mas tampouco é um bem absoluto do qual se pudesse fazer mal uso sem destruí-lo. Trata-se de um bem-médio, de natureza boa, mas seu efeito pode ser bom ou ruim, a depender da forma com a qual o homem o utiliza (Agostinho, 1995).

Ao utilizar indevidamente o livre-arbítrio, o homem faz mau uso dos bens temporais, inclinando-se fortemente a eles, quando, na verdade, não lhe convém apegar-se demasiadamente. “Quando o homem faz o caminho inverso preferindo os bens inferiores aos superiores perverte a ordem estabelecida por Deus no universo: eis o mal ou o pecado” (Coutinho, 2010, p. 128). Ao corromper esta ordem, o homem deixa de submeter-se a Deus e passa a submeter-se a si mesmo. “A origem do pecado, portanto, reside no orgulho humano, no desejo de insubordinação a Deus, pois o homem não teria cedido facilmente a tentação se já não estivesse tomado por um desejo de igualdade junto ao Criador” (Coutinho, 2010, p. 128).

Dotado da razão, o homem é capaz de distinguir a ordem do real e a hierarquia dos seres. Quando a escolha se desloca dos bens maiores na ordenação divina para os bens menores, há uma degradação, que é o mal, que “[...] consiste na aversão da vontade ao Bem imutável para se converter aos bens transitórios” (Agostinho, 1995, p. 142).

## 5.2 A EXCLUSÃO DIGITAL COMO MANIFESTAÇÃO DO MAL

À luz da filosofia agostiniana, a tecnologia, dom prometeico fundamental na subsistência humana, é intrinsecamente um bem. Ela é um bem do qual todo homem, por ser um *homo technologicus*, deve ter acesso, tendo em vista que a técnica faz parte da própria essência humana. Contudo, a onipresença da tecnologia é acompanhada da exclusão digital, definida por Martin Hopenhayn como a “matriz de todos os fossos” sociais, o que gera segregação e marginalização na sociedade.

Se a tecnologia é um bem em si, e o mal é a privação desse bem, a origem dessa exclusão digital reside na perversão da vontade humana: o pecado. Santo Agostinho

defende que Deus concedeu ao homem o livre-arbítrio, bem sem o qual ninguém seria capaz de viver com retidão. O livre-arbítrio é o que torna o homem capaz de fazer o bem e, conseqüentemente, é também o que o torna capaz de fazer o mal. O mal, ou o pecado, manifesta-se no mau uso desse livre-arbítrio e na perversão voluntária da ordem. O pecado é a inversão de valores, quando o homem ama desordenadamente os bens temporais como fins em si mesmos, em vez de amá-los como meios que conduzem a Deus. Essa inversão é a aversão da vontade ao Bem imutável (Deus) para se converter aos bens transitórios.

No contexto da tecnologia e da exclusão digital, o mal não está na criação tecnológica, mas no uso desordenado (ou na apropriação indevida) dela, resultado da perversão da vontade humana. A tecnologia, com seus artefatos e sistemas, é um bem temporal (meio) que deve servir à subsistência e ao bem-estar de toda a humanidade. A exclusão digital se manifesta quando as estruturas de poder, movidas pelo orgulho humano e pelo desejo de insubordinação à ordem divina, usam o livre-arbítrio para moldar a tecnologia a seu favor, transformando um meio, que é a tecnologia, em um fim em si mesmo (a própria expansão e o interesse do sistema). Essa atitude reflete o ato de amar o bem temporal desordenadamente, em detrimento do bem maior que seria a distribuição equitativa e o bem-estar de todos.

A exclusão digital é uma manifestação do mal moral, da má vontade, que se recusa a estender o bem da tecnologia a todos, preferindo convertê-lo em um instrumento de poder e segregação social. A promessa de um mundo melhor pela técnica é desvirtuada pela falha ética do homem em estender esse benefício, transformando a carência tecnológica na educação e na sociedade em um espelho de sua própria carência moral. A solução, portanto, não está apenas em mais tecnologia, mas em uma reorientação moral e ética da vontade humana que priorize o bem comum sobre os interesses particulares.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a problemática da desigualdade no acesso à tecnologia na educação, estabelecendo uma relação com a concepção do mal em Santo Agostinho. A investigação demonstrou que a técnica é um elemento fundamental e intrinsecamente bom para a existência humana. Retomando o Mito de Prometeu, o dom do fogo – a arte técnica – transformou a raça humana, permitindo-lhe superar suas fragilidades inatas. Na contemporaneidade, a evolução da técnica define o homem como o *homo technologicus*, cuja existência é inseparável de seus artifícios, tornando a tecnologia não apenas um acessório, mas uma condição de existência. A técnica é, portanto, um bem do qual todo homem necessita e deve ter acesso para a sua subsistência e para alcançar um padrão de vida mais elevado.

No contexto educacional, a tecnologia é um recurso com potencial para ser um importante auxílio e potencializador do processo de ensino-aprendizagem, oferecendo acesso à informação e possibilitando métodos mais interativos. No entanto, a ausência ou a desigualdade no acesso a esse bem gera a exclusão digital. Essa carência tecnológica marginaliza indivíduos, aprofunda divisões sociais já existentes e compromete a formação acadêmica, tornando-a díspar e injusta.

A exclusão digital levanta a questão de porque a tecnologia não chega às mãos de todos. O pensamento de Agostinho oferece uma base ética e moral para essa reflexão. Para o filósofo, a tecnologia, como tudo o que existe, é intrinsecamente boa, visto que o mal não é uma substância, mas sim a privação de um bem. A tecnologia, sendo um bem temporal a serviço da humanidade, tem sua privação originada no mau uso do livre-arbítrio. O pecado, aversão ao Sumo Bem e conversão aos bens transitórios, reflete-se na exclusão digital quando os detentores das iniciativas tecnológicas as utilizam apenas a seu próprio favor.

Estes detentores, compreendidos como parte das estruturas de poder, movidos pelo orgulho humano, transformam o bem tecnológico, de algo que deveria estar a serviço de todos, em um fim em si mesmo, transgredindo a ordem divina. Essa má vontade recusa-se a estender o benefício tecnológico a todos, fazendo da carência social um espelho da carência moral humana.

As contribuições deste estudo residem no estabelecimento dessa conexão entre a ética e a metafísica agostiniana, mostrando que a desigualdade tecnológica é um problema de ordem moral e ética, e não apenas de infraestrutura. Para o futuro, o estudo indica a necessidade de investigar soluções ético-políticas que promovam a tecnologia como um bem comum. Também na educação, é possível vislumbrar uma reestruturação do círculo pedagógico, visando uma maior integração tecnológica nas salas de aula e nos lares dos estudantes. Não se trata apenas de buscar mais inovações tecnológicas, mas em uma reorientação moral da vontade humana, sobretudo daqueles que compõem as corporações e governos, que priorize o bem-estar de todos.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, **O livre arbítrio**. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

BARROS, Alerrandre. Internet chega a 88,1% dos estudantes, mas 4,1 milhões da rede pública não tinham acesso em 2019. **Agência de Notícias do IBGE**, [Rio de Janeiro], 14 abr. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30522-internet-chega-a-88-1-dos-estudantes-mas-4-1-milhoes-da-rede-publica-nao-tinham-acesso-em-2019>. Acesso em: 19 out. 2025.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. 2. ed. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

CARVALHO, Diogo Donizete; SANTOS, Giovanni Marques. A problemática do Mal em Agostinho de Hipona. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, Pouso Alegre, v. 9, n. 20, p. 63-85, jan./jul. 2024. Disponível em: <https://zenodo.org/records/10736314>. Acesso em: 08 jun. 2025.

CORONEL, Daniel Arruda; SILVA, José Maria Alves da. O conceito de tecnologia por Álvaro Viera Pinto. **Economia & Tecnologia**, Curitiba, Ano 06, v. 20, p. 181-185, jan./mar. 2010. Resenha. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/ret/article/view/27033>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COUTINHO, Gracielle Nascimento. O Livre-arbítrio e o Problema do Mal em Santo Agostinho. **Argumentos - Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 124-131, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18957>. Acesso em: 08 jun. 2025.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Seis milhões de estudantes não têm acesso a internet em casa**. Radioagência Nacional, Brasília, 2 set. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2020-09/seis-milhoes-de-estudantes-nao-tem-acesso-internet-em-casa>. Acesso em: 19 out. 2025.

ERCULINO, Siloe Cristina do Nascimento. As Origens do Mal em Agostinho. **Pensando - Revista de Filosofia**, Teresina, v. 5, n. 10, p. 3-16, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/1257>. Acesso em: 08 jun. 2025.

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e techne**: o homem na idade da técnica. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. Tradução: Cristiane Negreiros. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

GILSON, Étienne; BOEHNER, Philotheus. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. Tradução: Raimundo Vier. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GONÇALVES, André Luiz C. Mitoinformação e ideologia da tecnologia: uma leitura a partir de Langdon Winner. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 30, p. 1-16, 2025. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/e52493>. Acesso em: 17 out. 2025.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Ed. rev. e acrescida do original grego. Tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2015.

HOPENHAYN, Martin. A Educação na atual inflexão temporal: uma perspectiva Latino-Americana. **RevistaPRELAC**, Santiago, Chile, n. 2, p. 12-25, fev. 2006. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000145868\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000145868_por). Acesso em: 17 out. 2025.

KUSSLER, Leonardo Marques. Técnica, tecnologia e tecnociência: da filosofia antiga à filosofia contemporânea. **Kínesis**, [S.l.], v. 7, n. 15, p. 187-202, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/5712>. Acesso em: 17 set. 2025.

MATOS, Eloiza Ap. Silva Ávila de. Tecnologia, educação e processo civilizador: primeiras aproximações. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 9., 2005, Ponta Grossa. **Tecnologia & Civilização**. Ponta Grossa: UTFPR, p. 1-14, 2005. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processos\\_civilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/workshop/art4.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processos_civilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/workshop/art4.pdf). Acesso em: 27 ago. 2025.

NEGRI, Fernanda De. As tecnologias da informação podem revolucionar o cuidado com a Saúde?. **IPEA – Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade**. Brasília, 7 nov. 2019. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de\\_cont\\_eudo/artigos/artigos/107-as-tecnologias-da-informacao-podem-revolucionar-o\\_cuidado-com-a-saude](https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de_cont_eudo/artigos/artigos/107-as-tecnologias-da-informacao-podem-revolucionar-o_cuidado-com-a-saude). Acesso em: 13 out. 2025.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: Pesquisa TIC Educação, ano 2024**. [São Paulo]: Cetic.br, 2025. Relatório de pesquisa [online]. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/tic\\_educacao\\_2024\\_principais\\_resultados.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2024_principais_resultados.pdf). Acesso em: 19 out. 2025.

NOVAES, Ricardo Lafetá. Sobre a técnica. **História, Ciência Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 24-49, mar./jun. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/J5wfN87VRr3HzLzWRVZ6Lgk/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2025.

OLIVEIRA, Eva Aparecida. A técnica, a *techné* e a tecnologia. **Itinerarius Reflectionis**: Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG, Jataí, v. 2, n. 5, p. 1-13, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20417>. Acesso em: 17 set. 2025.

PINHEIRO, Paulo. Identidade política e discurso técnico: o mito de Prometeu entre Protágoras e Platão. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 29-37, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14656>. Acesso em: 15 set. 2025.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Ana da Piedade Elias Pinheiro. Adaptação de Olga Pombo. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: A antiguidade e idade média**. São Paulo: Paulus, 1990.

SANTOS, Liandra Mendes dos; MENDES, Débora Suzane Gomes. Desigualdades Tecnológicas: impactos no retrocesso da aprendizagem no contexto pós-pandêmico. In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO (CTRL+E), 8., 2023, Santarém. **Anais do Congresso sobre Tecnologias na Educação (CTRL+E 2023)**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 143-152. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl/article/view/25793>. Acesso em: 19 out. 2025.

TORRES, Aracele Lima. **A tecnoutopia do software livre**: uma história do projeto técnico e político do GNU. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em História Social – Área de Concentração: História da Ciência e da Técnica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND. **Children and young people's internet access at home during COVID-19**. [S.l.]: UNICEF Data, 2020. Recurso eletrônico [online]. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/children-and-young-people-internet-access-at-home-during-covid19/>. Acesso em: 19 out. 2025.